

Patrul Rinpoche
“As Palavras de meu Perfeito Mestre”

Parte II
As Preliminares Especiais ou interiores

**A tomada de refúgio,
Pedra de fundação de todas as Vias**

Coroado pelas Três Jóias do refúgio exterior,
Vós tereis realmente realizado as Três Raízes de refúgio interior.
E tornado manifesto os Três Corpos do refúgio absoluto:
Ó Mestre inigualável, a vossos pés me inclino!

I] Os diferentes aspectos da tomada de refúgio.

1] A fé

Se a tomada de refúgio é, de uma maneira geral, o acesso a todos os ensinamentos e prática, o acesso à tomada de refúgio, ela mesma, é a fé. É importante, portanto, começar por ter uma fé sólida para se tomar refúgio. Distinguem-se três aspectos da fé: 1) a fé inspirada, 2) a fé da aspiração e 3) a fé da convicção.

1) A fé inspirada

A fé inspirada é aquela que se sente quando nos estamos num templo onde estão expostos numerosos suportes do Corpo, da Palavra e da Mente dos Vencedores; quando se está na presença dos Mestres, Amigos de Bem, seres sublimes ou quando se ouve falar de suas qualidades e de suas vidas: se sente inspirado ao pensar em sua imensa compaixão.

2) A fé da aspiração

Esta fé é o desejo de estar livre dos sofrimentos dos mundos inferiores quando se ouve falar sobre isto; de gozar a felicidade dos renascimentos superiores e da libertação quando ela nos é descrita; de se entregar aos atos benéficos quando se conhece o benefício e de abandonar os atos nocivos quando se vê o malefício.

3) A fé da convicção

A fé da convicção é aquela que vem do fundo do coração pelas Três Jóias quando conhecemos suas qualidades e seu poder de benção fora do comum. É esta confiança total que se tem nas Três Jóias e somente nelas, quando se sabe que elas são sempre e em toda circunstância nosso refúgio infalível, quer estejamos felizes ou infelizes, doentes, febris, mortos ou vivos.

“A fé da convicção traz bênçãos.

A ausência de dúvida satura todos os desejos”.

Diz o Precioso Mestre de Oddiyâna.

Assim, a fé é como um grão de onde provém toda a qualidade do que é benéfico. Sem fé, o grão é como estivesse queimado. Lê-se em um Sutra:

“Em todos aqueles em que falta a fé.

Não se obtém qualidades.

Como um grão queimado,

Não pode germinar”.

A fé é a mais nobre das sete riquezas supremas.

“A preciosa roda da fé,
Dia e noite gira na via do bem”.

Ela é a mais preciosa das riquezas, o tesouro de onde surgem infinitas virtudes, o pé que nos faz avançar na via da libertação, a mão que recolhe todas as coisas positivas.

“A fé é jóia, tesouro, perna suprema,
É a mão que recolhe todas as virtudes”.

Benefícios e bênçãos dependentes da fé.

A compaixão e as bênçãos das Três Jóias são inconcebíveis, mas dependem da fé e da devoção que faz com que elas penetrem em nós. Com uma fé e devoção superiores, se tem uma recepção superior da compaixão e de bênçãos do Mestre e das Três Jóias. Com uma fé e devoção medianas, se tem uma recepção mediana. Com uma fé e devoção inferiores, se recebe um pouco de compaixão e de bênçãos. Com uma ausência total de fé e de devoção, não se recebe absolutamente nada. Será inútil, para aquele que não tem fé, encontrar um Buddha, ele mesmo, e de ser aceito como discípulo! Lembremo-nos das histórias do monge Boa Estrela e Devadata, o primo de Bhagâvan...

A compaixão do Buddha ignora toda a distância. Mesmo atualmente, se alguém invoca com uma fé e devoção sincera, terá diante de si o Vencedor, ele mesmo e receberá as bênçãos:

“O Muni está presente diante daqueles,
Que o invocam com veneração:
Ele dá iniciações e bênçãos”.

O Grande Oddiyâna diz também:

“Para todos aqueles que tem fé em mim.
Não vou a parte alguma, durmo diante de sua porta.
Pois minha vida não conhece a morte.
Diante de cada fiel existe um Padma!”

A compaixão do Buddha penetra em todas as coisas quando se tem a fé da convicção.

A história da velha senhora que se tornou Buddha graças a um dente de cão que lhe foi dado .

Era uma vez uma velha senhora que tinha um filho comerciante. Ele ia freqüentemente à Índia para seus afazeres. Um dia, a velha senhora disse ao seu filho: “É na Índia que está o Trono de Diamante, de onde vem o perfeito Buddha. Traga-me alguma relíquia maravilhosa que será o suporte para minhas prosternações!” Apesar dos numerosos pedidos de sua mãe, o filho esqueceu de trazer o que ela havia pedido.

Um dia em que ele se preparava para retornar à Índia, sua mãe lhe disse:

“Se você não me trouxer desta vez algo que possa servir de suporte à minhas prosternações, te matarei sob teus olhos”.

Na Índia, o filho se ocupou com seus afazeres e mais uma vez esqueceu. Quando estava chegando em casa, lembrou-se das palavras de sua mãe. “Que devo fazer? – disse a si mesmo. Eu não lhe trouxe nenhuma relíquia. Se entrar em casa com as mãos vazias, ela vai me matar...” Olhando em volta de si, viu um crânio de cão na beira do caminho. Arrancou um dente, envolveu-o numa estola e foi oferecer a sua mãe.

“Aqui está um canino do Buddha, o qual te servirá como suporte de tuas preces, - disse ele” A velha senhora acreditou. Ela teve fé neste dente como se fosse realmente um dente do Buddha. Sem parar, prosternou-se fazendo oferendas e do dente do cão surgiram pérolas milagrosas. Quando a velha senhora morreu, ocorreu uma cúpula de luz radiante entorno dela...

É certo que um dente de cão não tem o poder de abençoar, mas o poder da fé da velha senhora era tal que atraiu as bênçãos do Buddha. E logo, este dente não era diferente de um autêntico dente do Buddha.

Outrora, na região de Kongpo havia um homem simples de mente chamado **Jowo Ben**. Ele foi ao Tibet Central para encontrar Jowo Rimpoche. Quando chegou diante de sua estátua não havia nem guardião nem pessoa alguma. Vendo a comida e as lâmpadas à manteiga das oferendas, pensou que, para sua refeição, Jowo Rimpoche deveria com certeza pôr a massa das tormas na manteiga fundida das lâmpadas e que estas lâmpadas estavam acesas para que a manteiga não endurecesse. “Devo fazer como Jowo Rimpoche” - pensou. E pôs a tsampa das oferendas na manteiga fundida das lâmpadas, e comeu. “Que bom lama tu és”, - ez ele, vendo a face de Jowo, “os cães trazem as provisões alimentares que te oferecem, e você sorri; o vento sopra nas lâmpadas, e você sorri...Eis aqui minhas botas, e as confio a ti, guarde-as bem, vou girar entono de ti!” Retirou as botas e as colocou diante da estátua.

Enquanto Ben percorria o Circuito Intermediário entono do templo, o guardião percebeu as botas. . Ele se preparou para jogá-las fora, quando a estátua se pôs a falar: “Não jogue fora as botas! Elas me foram confiadas por Ben de Kongpo!”

Quando este chegou de suas circumabulações, pegou as botas. “Você é verdadeiramente alguém que se pode chamar de um bom lama! – disse ele à estátua. Portanto, venha até nós no ano que vem! Matarei um velho porco para fazer um ensopado e prepararei a cerveja com a velha cevada...” Jowo aceitou.

Ben retornou para casa. “Convidei Jowo Rimpoche - disse ele à sua mulher. Como não sei quando ele chegará, nunca se esqueça de ver se ele chegou”.

Um ano se passou. Um dia em que ela pegava água do rio, a mulher de Bem viu claramente o reflexo de Jowo Rimpoche na água. E de maneira muito rápida, correu para dizer ao seu marido que ela tinha acabado de ver alguma coisa. Não seria seu convidado? Bem foi até a borda do rio e viu Jowo Rimpoche cintilar na água. Acreditando que ele havia caído, mergulhou para socorrê-lo, pegou a estátua e pôde realmente apreendê-la e levá-la.

Enquanto caminhava para ir até a casa de Ben, chegaram diante de um rochedo. “Não entrarei na casa de um laico” –disse a estátua. Não querendo ir mais longe, desapareceu na pedra.

Este lugar onde Jowo estava chama-se Dole Jowo e o rio no qual seu corpo apareceu Chu Jowo. Todos vieram se prosternar e fizeram oferendas dizendo que o poder da benção deste lugar é idêntico ao de Jowo de Lhasa.

Foi pelo poder da fé sólida que Ben recebeu a compaixão do Buddha. Ainda que tenha comido a manteiga das lâmpadas e o alimento das oferendas, e que tenha colocado as botas diante de Jowo – maus atos diante de outras circunstâncias - sua fé produziu tais benefícios.

A realização efetiva da verdade absoluta, do Modo-de-Ser, depende, ela também, unicamente da fé, como diz o sutra:

“Ó Shâriputra, é somente pela fé que se realiza a verdade absoluta”.

As bênçãos do Mestre e das Três Jóias penetram em nós pelo poder de uma fé fora do comum: conhece-se agora a realização autêntica, contempla-se o Modo-de-Ser tal como ela é. Neste momento, adquiri-se uma confiança, uma fé irreversível fora do comum, em seu Mestre e nas Três Jóias. É assim que a realização do Modo-de-Ser e a fé tomam apoio uma sobre a outra.

Antes de deixar Jetsun Mila, Dhakpo Rimpoche lhe perguntou em que momento poderia guiar os seres. “Um belo dia, - respondeu Jetsun Mila, você conhecerá uma realização que dará uma visão superior, diferente daquela que você tem neste momento da natureza da mente. Terás, então a firme convicção de ver em mim, teu velho pai, um Buddha real. Este será o momento de guiar os outros”.

As receptividades para a compaixão e às bênçãos do Mestre e das Três Jóias dependem, portanto integralmente da devoção que temos e da fé que se experimenta neles.

Um dia Atisha, foi interpelado por um discípulo: “Conceda-me uma benção!”.

– “Filho displicente –respondeu o Mestre, conceda-me um pouco de devoção...”

Vê-se que é indispensável possuir uma confiança absoluta, sem nenhuma inconstância, produzida por uma fé e uma devoção fora do comum. É ela que dá acesso à tomada de refúgio.

2] A intenção

Animado por uma tal fé, pode-se tomar refúgio com três intenções diferentes:

1) Tomar refúgio tendo como única preocupação a felicidade dos deuses e dos homens por ter medo do sofrimento dos mundos inferiores – o dos pretas, os infernos e dos animais- é o que se denomina por “refúgio dos pequenos seres”.

2) Tomar refúgio nas Três Jóias tendo como única preocupação atingir a paz do nirvana e a sua própria libertação de todos os sofrimentos do samsara, quando se reconheceu que no círculo das vidas, toda existência elevada ou inferior é de natureza dolorosa – é o que se denomina “refúgio dos seres medianos”.

3) Quando se observou que todos os seres mergulhados no imenso oceano de sofrimento deste samsara sem fim são atormentados por insuperáveis dores, tomar refúgio para estabelecê-los na insuperável e onisciente budeidade perfeitamente completa – é o que se denomina “refúgio dos grandes seres”.

Escolhamos agora tomar refúgio com este estado de mente mais vasto, animados pelo desejo de estabelecer a infinidade de seres na perfeita budeidade.

a) A simples felicidade dos deuses e dos homens pode no momento assemelhar-se à verdadeira felicidade, mas na realidade, não está livre de sofrimento, quando os efeitos do bom karma dos mundos superiores se esgotam, recai-se nos destinos inferiores...Que necessidade temos nós de ocupar-nos de uma felicidade que dura somente um instante?!

b) Quanto a obter só para si a paz do nirvana dos Ouvintes e dos Buddhas-para-si, sem trabalhar para o bem dos seres que desde a noite dos tempos, foram nossos pais e nossas mães e caíram no oceano do samsara. Isto é inconveniente.

c) Tomar refúgio nas Três jóias desejando que todos os seres atinjam a budeidade é a via dos grandes seres, o acesso a imensuráveis méritos. É, portanto, o método que nós devemos seguir.

“Tal é o desejo de ser útil
Às inumeráveis categorias de seres”.

Lê-se na Guirlanda de jóias.

II – A maneira de tomar refúgio

No Veículo comum, toma-se refúgio no Buddha como instrutor; no Dharma como via e na Comunidade como companhia na via.

No Veículo particular dos Mantras Secretos, toma-se refúgio, de maneira geral, fazendo ao seu Mestre, oferendas de seu corpo, palavra e mente, tomando os yidans como suporte e as dakinis por companhia.

A tomada de refúgio especial, própria do método supremo da Essência Adamantina é a via rápida que consiste em utilizar os canais sutis com Corpo de Manifestação; a transformar as energias em Corpo de Glória e purificar as essências em Corpo Absoluto.

A tomada de refúgio última é infalível no Modo-de-Ser indestrutível consiste, por uma decisão clara, a tomar como objeto de realização em si mesmo, os três aspectos da Sabedoria que se encontra na mente daqueles nos quais se toma refúgio – Essência Vazia, Natureza Luminosa e Compaixão Onipresente.

Observação: No texto original existe a descrição da prática específica que não foi traduzida.

III – Preceitos e benefícios.

1] Os preceitos da tomada de refúgio.

Existem:

- 1) três coisas a abandonar;
- 2) três coisas a realizar e
- 3) três atitudes suplementares a observar.

1) Três coisas a abandonar:

a) “Quando se tomou refúgio no Buddha, não render homenagens às deidades que giram no samsara”. Não tomemos refúgio para nossas vidas futuras, não façamos oferendas, não nos prosternemos diante dos deuses dos não budistas, dos tîrthikas, tais com Ishvara e Visnu, que não estão livres dos sofrimentos do samsara. Mais ainda diante dos deuses locais, dos mestres-do-solo, ou seja, todos os deuses e espíritos mundanos e poderosos.

b) “Quando se tomou refúgio no Dharma, não mais prejudicar os seres”. Não façamos mal aos outros, mesmo em sono, esforcemo-nos custe o que custar em protegê-los.

c) “Quando se tomou refúgio na Comunidade, não se vincular aos tîrthikas”. Não nos associemos com aqueles que, como os tîrthikas, não acreditam na doutrina dos Vencedores e seu propagador, o perfeito Buddha. Porém, isto não se refere aos tîrthikas no Tibet, mas aqueles que insultam e criticam nosso Mestre e o Dharma e denigrem os ensinamentos dos profundos Mantras Secretos, ou seja, aqueles que agem com os tîrthikas, que não devemos nos associar.

2) As três coisas a realizar:

a) Quando se tomou refúgio no Buddha, honremos com respeito, ainda que seja um fragmento de estátua quebrada que o represente, devemos trazê-la no alto da cabeça, deixando-a em local apropriado e a identifiquemos à Jóia do Buddha, ela mesma, tenhamos fé nela e devemos percebê-la de maneira pura.

b) Quando tomamos refúgio no Dharma, respeitemos até mesmo um pedaço de tecido de algodão que guardou os textos das Escrituras; levemos ao alto da cabeça considerando que se trata da Jóia do Dharma, ela mesma.

c) Quando se tomou refúgio na Comunidade, consideremos tudo que simbolize, ainda que seja uma peça da vestimenta vermelha ou amarela, como a Jóia da Comunidade, ela mesma. Devemos honrá-la com respeito no alto de nossa cabeça, devemos colocá-la num local adequado, percebendo-a de maneira pura.

3) Os três preceitos suplementares:

a) Consideremos nosso Mestre, nosso Amigo de Bem, ele que nos ensina o que devemos adotar ou abandonar, como a Jóia do Buddha. Não caminhemos sobre sua sombra e esforcemo-nos em servi-lo e honrá-lo.

b) Consideremos toda palavra deste sublime Mestre como a Jóia do Dharma. Aceitemos tudo o que disser sem desobedecê-lo no que quer que seja.

c) Consideremos seu entourage, seus discípulos e nossos companheiros da conduta pura como a Jóia da Comunidade. Respeitemo-los fisicamente, verbalmente e mentalmente e não os façamos nunca sofrer, ainda que seja só um instante!

No Veículo do Diamante dos Mantras Secretos, mais particularmente, o Mestre é a figura central do refúgio: seu corpo é a Comunidade, sua palavra o Dharma, sua mente o Buddha. Reconheçamos nele a união essencial das Três Jóias. Vejamos o bem em todas as suas ações, devemos segui-lo com uma confiança absoluta e esforcemo-nos em orar sem cessar. Sabendo que renunciamos

o refúgio integralmente se nós o desagradamos fisicamente, verbalmente ou mentalmente, esforcemo-nos sempre de agradá-lo graças a grandes esforços.

De maneira geral, o que quer que nos advenha de agradável ou desagradável, bom ou mau, doenças ou sofrimentos, confiemo-nos unicamente à Jóia que é nosso Mestre.

Vejamos todo bem estar como vindo da compaixão das Jóias. É dito que tudo que agradável e meritório neste mundo, a mínima brisa ao mais forte calor atmosférico, representa a compaixão e a benção do Buddha. Assim como o ínfimo pensamento de bem surgindo em nossa mente provém do poder inconcebível de suas bênçãos.

Lê-se na Entrada na Prática dos Boddhisatvas:

“Como na noite negra e o céu enevoado”.

Um clarão ilumina um instante todas as coisas,
O poder do Buddha faz surgir aqui embaixo,
Um fugidio instante de pensamento meritório.”

Reconheçamos em toda coisa útil ou agradável a compaixão do Buddha.

Quando uma doença ou um sofrimento nos aflige, quando um demônio ou um adversário nos faz obstáculo, quando uma infelicidade, qualquer que seja, nos acontece, dirijamos nossas preces às Três Jóias, e não façamos nenhuma outra prática. Mesmo se devemos seguir um tratamento médico ou realizar um ritual de cura, vejamos nestes métodos a atividade das Três Jóias.

Reconheçamos em todas as aparências, a manifestação das Três Jóias, exerçamos a fé e as percepções puras.

Quando nosso trabalho e outras ocupações nos chamam em algum lugar, sigamos rendendo homenagem ao Buddha e às Jóias da direção que tomamos. Façamos sempre da tomada de refúgio nossa prática cotidiana, que nossa fórmula seja aquela da Essência do Coração ou aquela conhecida sob o nome de “quádrupla tomada de refúgio”, comum a todos os Veículos:

“Eu me refugio no Mestre!
Eu me refugio no Buddha!
Eu me refugio no Dharma!
Eu me refugio na Comunidade!”

Façamos aos outros elogios pela tomada de refúgio e facilitemos lhes esta prática. Coloquemos nossa confiança e a dos outros nas Três Jóias, para esta vida e as seguintes e apliquemo-nos na tomada de refúgio.

Antes do sono, visualizemos em nosso coração as divindades descritas anteriormente, e passemos ao sono concentrado nelas. Caso não consigamos, pensemos que nosso Mestre e as Três Jóias, plenos de amor e compaixão por nós, estão realmente sobre nosso travesseiro. Entremos no sono com fé no coração, percebendo-os de maneira pura e pensando neles sem cessar.

Quando estivermos à mesa, visualizemos as Três Jóias em nossa garganta e ofereçamos lhes o sabor daquilo que estamos comendo e bebendo. Caso não consigamos, façamos oferendas da primeira bocada e o do primeiro gole de nossa refeição pensando: “às Três Jóias”.

Quando por exemplo, tivermos uma vestimenta nova, antes de usá-la, elevemo-la acima de nós, oferecendo-a a Três Jóias. Depois, devemos vesti-la com um pensamento que é um presente que elas nos deram.

Façamos também a oferenda mental de todos os objetos exteriores que percebemos e achamos agradáveis e desagradáveis: jardins floridos, cursos de água límpida, belos lares, bosques charmosos, imponentes riquezas, homens e mulheres belas e adornados de jóias...

Indo pegar água, comecemos espargindo algumas gotas, oferecendo-as às Três Jóias.

Tudo o que nos acontece de agradável ou desejável nesta vida – bem estar, felicidade, renome, ganhos, etc. – provém da compaixão das Três Jóias. Ofereçamo-las com devoção guardando uma visão pura.

Ofereçamo-las todas as fontes de mérito que acreditemos: prosternações, oferendas, meditações sobre as divindades, recitações de mantras, etc., e dediquemo-las ao bem de todos os seres.

Rendamos todos os cultos possíveis em sua honra, na lua cheia, na lua nova, nos seis momentos importantes do dia (*dus drug*)...Não deixemos nunca passar as celebrações periódicas em honra das Três Jóias.

O que quer que nos aconteça, felicidade ou sofrimento, não nos esqueçamos jamais de tomar refúgio nas Três Jóias. Se, por exemplo, quando de um pesadelo, o medo nos invade e, mas chegamos a tomar refúgio, saberemos igualmente fazê-lo no bardo...

Devemos agir até atingir este resultado, ou seja, tenhamos confiança nas Três Jóias somente e nunca abandonemos a tomada de refúgio, mesmo que isto custe nossa vida.

Havia uma vez na Índia, um laico budista que os tîrthikas haviam feito prisioneiro e o fizeram negar as Três Jóias: “Renuncie a tomar refúgio nelas e deixaremos tua vida salva. Senão, nós o mataremos”.

– “Se renunciar, respondeu ele, será somente palavra, e não do fundo do coração!”

Então eles o mataram. Devemos nos conduzir, como este devoto laico, custe o que custar.

Se nós abandonarmos o refúgio nas Três Jóias, poderíamos fazer as práticas mais profundas, mas não pertenceríamos mais à Comunidade budista. “É a tomada de refúgio, digamos, que faz a diferença entre o budista e o não budista”.

Certamente, existem os tîrthikas que de maneira atenta, evitam todo ato nocivo, praticam a meditação sobre as divindades, sobre os canais e as energias. Chegam a realizações comuns, porém não sabendo tomar refúgio nas Três Jóias, ignoram o caminho da libertação e não podem jamais escapar do samsara.

Entre a multiplicidade de ensinamentos dos sutras e dos tantras, não houve nenhum que Jowo Atisha ignorasse ou não tivesse lido; mas pensando que no início somente a tomada de refúgio era importante, este foi o único ensinamento que dava aos seus discípulos, era chamado o Pândita do Refúgio.

É, portanto necessário, a partir do momento em que nos engajamos no caminho da libertação e nos tornamos budistas, praticar a tomada de refúgio e aplicar-se nos preceitos, sem jamais abandoná-los; mesmo sob o perigo de nossas vidas. Lê-se nos sutras:

“Quem tomou refúgio no Buddha.
É um verdadeiro devoto laico.
Não irá jamais procurar refúgio,
Em outra divindade.
Quem tomou refúgio no Dharma,
Não terá jamais um pensamento maldoso.
Com refúgio na Comunidade,
Não se associará mais com os tîrthikas”.

Entre todos, alguns se vangloriam de ser discípulos das Três Jóias, mas não tem nenhum respeito, por exemplo, pelos seus suportes simbólicos. Considerando as pinturas, as estátuas que representam o Buddha ou os livros que contêm as palavras como riquezas materiais, eles fazem comércio, os colocam em penhor... Estas pessoas cometem falta muito grave “extorquir dinheiro em nome das Três Jóias”.

E também, criticar ou sublinhar os defeitos dos desenhos ou de estátuas representando o Buddha, caso não se esteja restaurando-as, avaliando dimensões e proporções, é também uma falta grave que é necessário evitar cometer.

Colocar sobre o solo, os volumes que contêm as Palavras Excelentes, passar por cima, folheá-los com os dedos cheios de saliva e todo comportamento não respeitoso deste tipo, são maus atos muito graves. É dito pelo Buddha:

“Quando vier o fim dos quinhentos períodos,

Minha presença tomará a forma dos escritos.
Considerais-os com a mim idênticos,
E tenham respeito para com eles”.

“Não é necessário colocar Imagens sobre as Palavras”, diz um ditado profano. De fato, entre todos os suportes do Corpo, da Palavra e da Mente do Buddha, os suportes da Palavra nos ensinam o que convém adotar e rejeitar. Os responsáveis pela continuidade da Doutrina afirmam que estes suportes, não sendo diferentes em nada do Buddha, são eminentemente sublimes. Na verdade não é assim. A maioria de nós não pensa que o vajra e o sino sejam suportes das Jóias e não objetos comuns. O vajra representa a mente do Buddha, as Cinco Sabedorias. O sino traz a imagem de Vairochana – do ponto de vista dos tantras inferiores – ou Vajradhâtvîshvarî – de acordo com os tantras superiores – seja o Corpo do Buddha. As oito sílabas-germens das oito esposas são a escritura ela mesma, e o sino simboliza a Palavra do Buddha, o som do Dharma. Vajra e sino têm, juntos, características do Corpo, Palavra e Mente do Buddha.

Em particular, estes dois objetos representam absolutamente todas as mandalas do Veículo do Diamante dos Mantras Secretos. Desprezar estes objetos de samaya é uma falta grave; devemos venerá-los sem cessar.

2] Os benefícios da Tomada de refúgio

A tomada de refúgio é o suporte de todas as práticas. Pelo simples fato de tomar refúgio, plantamos em nós a semente da libertação, afastamos de nós todo o mal e acrescentamos o bem que tivermos acumulado. A tomada de refúgio é o suporte de todos os votos, fonte de todas as qualidades. Temporariamente, ela nos assegura a proteção das divindades benfeitoras e a satisfação de todas as aspirações. Ela nos oferece o constante pensamento das Três Jóias e a lembrança de nossas vidas passadas. Ela nos traz a felicidade nesta vida e nas seguintes, e enfim a budeidade. É dito que os benefícios são inumeráveis...

Lê-se nas Setenta Estâncias sobre o refúgio:

“Cada um é livre para tomar os votos,
À exceção daqueles que não tomaram refúgio”.

Tomar refúgio é, portanto a base indispensável de todos os votos de libertação individual: dos monges, noviços e laicos. O refúgio corretamente tomado é também a preliminar necessária a toda produção de mente de Despertar e a toda iniciação do Veículo do Diamante dos Mantras Secretos. É absolutamente indispensável começar mesmo um ritual de purificação-reparação de um dia para a tomada de refúgio. É, portanto o suporte de todos os votos e de todas as qualidades.

O simples fato de ouvir a palavra “Buddha” ou de criar um vínculo, ainda que mínimo, com qualquer que seja suporte do Corpo, Palavra ou Mente do Buddha semeia em nós a semente da libertação e nos conduz finalmente para além da dor. Que dizer então, se tomamos refúgio com uma fé consciente das qualidades das Três Jóias?

O porco da stupa:

Encontra-se no Vinaya, a história de um porco que fazendo a volta numa stupa, enquanto perseguia um cão, semeou em si a semente da libertação..

Conta-se também a história de “três pessoas que se tornaram Buddha graças a **um tsa-tsa de argila**”.

Era uma vez um homem que viu sobre a terra no caminho, um *tsa-tsa* de argila. “Se ficar aqui - pensou ele, a chuva o destruirá; vou remediar”. Cobriu com uma velha sola de couro que arrastou para ali. Uma outra pessoa passou no mesmo local. “Não é conveniente que este resto de couro desagradável cubra um *tsa-tsa*” – disse ele e o retirou.

Aquele que havia recoberto o *tsa-tsa* com o resto de couro e aquele que o retirou, herdaram cada um, um reino em suas vida seguinte, como fruto de suas boas intenções.

“É dito que aquele que, com um coração puro,

Colocou sobre a cabeça do Muni um pedaço,
De sola e aquele que a retira,
Obteve, em seguida, cada um reino”.

No total, aquele que fabrica o *tsa-tsa*, aquele que o recobre e aquele que o descobre, todos os três obtêm temporariamente a felicidade dos mundos elevados, todos semeando em si a semente da libertação final e aproximando-se assim progressivamente da budeidade.

A tomada de refúgio nos afasta do mal que tivermos acumulado: é fato. Tomar refúgio com uma fé sincera e intensa nas Três Jóias reduz ou mesmo esgota o karma nocivo já adquirido. Doravante, graças às bênçãos compassivas das Três Jóias, nossos pensamentos orientam-se para o bem e não cometemos mais nenhum mal.

Tal é a **história do rei Ajâtashatru**, que matou seu pai, porém mais tarde tomou refúgio nas Três Jóias. Ele experimentou as dores do inferno durante uma semana e foi em seguida liberado.

Devadata cometeu três crimes cujo efeito segue a morte imediatamente. Ainda que sofresse as queimaduras infernais ainda quase vivo, teve fé nos ensinamentos do Buddha e clamou: “Desde a medula de meus ossos, me refugio agora no Buddha!” O Bhagavân declarou que ele iria, graças às suas palavras, tornar-se o Buddha-por-si Rupachen.

Tendo recebido, graças à bondade de um Mestre ou Amigo de Bem, o Dharma autêntico e desejando um pouco praticar o bem e cessar de fazer o mal, se agora nós nos aplicamos em tomar refúgio nas Três Jóias, nossa mente estará abençoada e todas as qualidades da Via: fé, visão pura, fadiga do samsara, fé no karma etc. não cessarão de desenvolver-se.

Se, ao contrário, negligenciamos a tomada de refúgio em nosso Mestre e nas Três Jóias e pouco nos preocupamos em lhes fazer preces, qualquer que seja a profundidade de nossa fadiga, de nossa determinação de nos libertarmos e outras qualidades, serão suficientes: um engano de talento, uma mente fraca e um falacioso discurso interior encontram-se reunidos para que passemos do bem ao mal sem dificuldade... Saibamos, portanto, que para cortar doravante o fluxo dos atos nocivos, não há meio melhor que a tomada de refúgio!

Vejam agora um outro ponto. É dito: “Os demônios tem particularmente ódio contra aqueles que perseveram na prática”. E ainda: “Quando uma prática é profunda, os demônios negros também o são”.

De fato, nós já atingimos o tempo da decadência. Aqueles que meditam sobre o sentido profundo e realizam atos extremamente benéficos são objeto de falaciosas seduções desta vida, solicitações de sua família e amigos que os retém, circunstâncias adversas provocadas pela doença e forças obstrutoras. Eles sofrem o assalto da dúvida e de racionalizações. Todos os tipos de obstáculos à prática vêm ludibriar e demolir o conjunto de suas boas ações. Se então, eles se esforçam sinceramente em tomar refúgio nas Três Jóias como antídoto a estes males, todo que se opõe a sua prática se transformará em circunstâncias favoráveis e seus méritos não cessarão de crescer.

Os laicos que pretendem se garantir de toda doença e também de todo seu gado durante um ano, fazendo apelo a alguns lamas e seus discípulos que não receberam nem iniciações nem transmissões pela leitura e não praticam nenhuma recitação de base. Estes oficiantes abrem a mandala de qualquer divindade irada. Sem passar pelas fases meditativas de Criação e de Perfeição, arregalam os olhos como pires e se colocam numa insuportável cólera contra uma figura de gesso. Fazem “oferendas vermelhas” de carne e sangue gritando: “Pegue-os! Mate-os! Vocês verão um pouco! Golpei-os!”- que tornam agressivos aqueles que os ouvem. Todas as contas feitas: “Convidar as divindades de Sabedoria para proteger os mundanos é como tirar o rei de seu trono e o fazer varrer!” disse Jetsun Mila.

E Padampa Sangye: Eles constroem uma mandala dos Mantras Secretos nos estábulos de cabras dos cidadãos e pretendem que isto seja um remédio!”

Tais práticas envenenam os Mantras Secretos os assemelhando aos ritos bönpos.

Quanto às “atividades de libertação”, elas concernem àqueles que não tem nenhum interesse egoísta. Eles são autorizados, se é no começo, a trabalhar de forma poderosa no bem da Doutrina e

dos seres, a “libertar” os inimigos e os construtores-de-obstáculos que cometem um dos dez atos perniciosos. Todavia, uma tal prática realizada de maneira parcial, com ódio autêntico, em seu próprio interesse ou daquele de outro, é incapaz de libertar outrem e coloca o oficiante em um renascimento infernal.

Fazendo sacrifícios de sangue sem praticar as fases de Criação e de Perfeição e sem observar os samayas, não se saberá realizar as divindades de Sabedoria nem os Protetores do Dharma. Em revanche, os deuses e os demônios das esferas negras irão se reunir para aproveitar das oferendas e das tormas que são apresentadas. Parecerão concordar com alguma melhora imediata, mas acabarão sempre por causar muitos eventos indesejáveis.

Tenhamos, portanto, confiança nas Três Jóias. Fazendo apelo aos lamas e aos monges que pacificaram e dominaram sua mente solicitando-lhes repetir cem mil vezes a tomada de refúgio, nós encontraremos a melhor das proteções: seremos colocados sob a asa das Três Jóias. Não nos acontecerá nada de indesejável durante esta vida e todos nossos desejos serão imediatamente satisfeitos. As divindades benfeitoras nos protegerão e aquelas que fazem mal, os demônios e os construtores-de-obstáculos, não poderão se aproximar.

Era uma vez um ladrão que após ser preso, recebeu um severo golpe de bastão. Aquele que o corrigia acompanhava cada golpe com uma frase da tomada de refúgio: “Eu me refugio no Buddha!” e pam! “Eu me refugio no Dharma!” e pam!...Quando ele fez entrar tudo isto na cabeça dele, soltou o ladrão. A fórmula de refúgio, inseparavelmente vinculada aos golpes era claramente impressa na mente dele. O infeliz parou sob uma ponte para dormir. Logo, acima chegou um grupo de demônios. “Existe alguém aqui que toma refúgio nas Jóias!” gritaram eles e partiram...

Lê-se no Sutra Imaculado:

“Se o mérito de tomar refúgio tivesse um corpo,
O céu não seria suficiente para contê-lo”.

E no Prajnâpâramita abreviado;

“Se de tomar refúgio o mérito tivesse forma,
Transbordaria do vaso dos três mundos:
Como avaliar com um quarto de litro.
O aquático tesouro do imenso oceano!”

O Sutra do Coração do Sol acrescenta:

“Dez milhões de demônios não podem matar,
O ser que faz do Buddha o seu refúgio.
Mesmo se transgrediu a disciplina
E sua mente está atormentada,
Ele irá, é certo, além dos nascimentos!”

Entreguemo-nos, portanto com ardor esta tomada de refúgio que é o suporte de todas as práticas, pois seus benefícios são incomensuráveis.

Tomo os Três refúgios, mas sem a fé sincera.
Do triplo treinamento, não tenho os votos.
Abençoe-me, com todos os seres sem coração
Que a mim se assemelham,
Afim de que tenhamos uma fé irreversível.

